

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: VIVÊNCIAS DAS PESQUISADORAS EM QUILOMBOS NO NORTE DO TOCANTINS

INTERSECCIONALIDADE E DECOLONIALIDADE NAS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES NEGRAS

Izarete da Silva de Oliveira¹

Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

izarete.oliveira@ufnt.edu.br

Sheyla Gonçalves da Costa Moura²

Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

sheyl;a.moura@ufnt.edu.br

Resumo

O presente texto tem como objetivo evidenciar um relato de experiência vivida pelas pesquisadoras negras em comunidades quilombolas no centro-norte do Tocantins. Os registros impressos decorrem dos sentidos nos encontros do curso de aperfeiçoamento em educação escolar quilombola do centro norte tocaninense realizado pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) em parcerias com outras instituições públicas. Nestes espaços de aprendizagem, lideranças quilombolas e representantes dos quilombos contemplados por esta política pública, externaram que esta formação fortalece as lutas inerentes nestas comunidades em contexto amazônico. Principalmente, a garantia de uma educação que observa e efetive o que rege a legislação brasileira, norteadas como é definido na Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) e a Câmara de Educação Básica (CEB) nº 08, de 20 de novembro de 2012 (Brasil, 2012) referentes às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Assim, numa confluência de saberes quilombolas presenciamos nos encontros como parte das etapas do curso, por meio de gestores/as, professores/as e estudantes quilombolas, adultos, jovens e crianças, o compartilhamento dos modos de vida, da cultura, danças, culinária, religiosidade, saberes práticos no cuidado e cultivo de plantas (ornamentais, frutíferas e medicinais) pensamentos filosóficos, organização política e luta pelo território, como resistência na preservação da memória ancestral. Neste contexto, a educação escolar quilombola é um importante instrumento de descolonização do currículo escolar, na formação dos docentes, manutenção da identidade quilombola, fortalecimento do sentimento de pertencimento e saberes ancestrais presentes nos seus modos de vida e manifestações culturais. A noção de interseccionalidade nas relações construídas na Comunidade Dona Juscelina localizada no Município de Muricilândia é uma constante uma vez que as experiências de vida das mulheres negras fundadas na ancestralidade se cruzam com saberes outros tanto dentro da esfera do quilombo quanto na exterioridade no contato com a sociedade por ser em sua natureza um quilombo urbanizado e, também com os saberes das pesquisadoras negras. Esses cruzamentos se dão em um compartilhamento valioso, “[...] Enquanto corpo que carrega saberes políticos direciona as lutas e sua comunidade e de outras que buscam seus conhecimentos para serem guiados no melhor caminho com muita sabedoria.” (OLIVEIRA, 2020, p. 15), levando-nos a perceber que há um compartilhamento do engajamento político diante das demandas que surgem na comunidade o qual é praticado pelos quilombolas. No quilombo somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente

¹ Professora da rede básica de ensino público – Secretaria de Educação (SEDUC-TO). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT na Universidade Federal do Tocantins – UFNT.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território – PPGCULT na Universidade Federal do Tocantins – UFNT.

como um todo, com os animais e as plantas. Somos apenas moradores quando não temos uma relação de pertencimento, quando estamos aqui, mas partimos na primeira possibilidade que tivermos.” (Bispo dos Santos, 2023, p. 38). Aqui Nego Bispo se expressa de forma profunda sobre alguns fatores que descrevem o ser compartilhante e abre uma discussão sobre pertencimento e na Comunidade Dona Juscelina visualizamos as mulheres raízes que escrevem a história do quilombo por seu próprio olhar e fazer, exemplificamos a quilombola Eva Batista (24 anos), a qual expressa seu pertencimento por meio da sua identidade de mulher negra, filha de lavadeira de roupa e ver no Rio Muricizal sua história construída em sua ancestralidade fundamentada nas relações interseccionais com outras mulheres nas águas do rio que banha o quilombo com as narrativas que são tecidas embrenhadas de sentidos entre espumas de sabão, cantos e memórias compartilhadas. É nesse balé de sentimentos, experiências, memórias e pertencimento que esta mulher negra quilombola professora tem orgulho da sua história ancestral e de afirmar seu pertencimento na comunidade e de ser professora na Escola de Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, esta que possui graduação em Licenciatura Plena em História inserida no Projeto de Extensão da Universidade Federal do Norte do Tocantins: Mulheres Raízes espaço de sociabilidade onde as mulheres negras quilombolas de diversas profissões confluem seus saberes em uma intersecção intensa e profunda enquanto ato político de organização dos modos de vida manifestados no quilombo. Ressaltamos o Relato de Experiências: I Encontro de Mulheres Conhecedoras de Plantas Medicinais do Quilombo Dona Juscelina que “[...] apresenta uma contextualização da experiência vivenciada” por essas mulheres negras quilombolas em duas etapas, sendo que a primeira “[...] consistiu em um conjunto de 5 encontros de sensibilização e formação com as mulheres e com a diretoria da Associação da comunidade” e a segunda etapa se fundamentou “[...] na realização do evento em si, ocorrido no dia 16 de março de 2024”, momento em que foi realizada rodas de trocas de espécies de plantas entre as mulheres. [...] Esses encontros fortaleceram as mulheres conhecedoras ao ponto de elas passarem a se auto identificar como “mulheres raízes”, identificação que se tornou parte da logo dos produtos à base de espécies medicinais que estamos cultivando”. (MEDEIROS, 2024, p. 03/04). Lançando luz sobre os lugares que a mulher negra quilombola se movimenta e pertence, estas se fazem presentes e são maioria cursistas no Curso de Educação Escolar Quilombola, onde várias facetas do ensino e da aprendizagem são discutidas com base fundante na ancestralidade, observando o dispositivo legal, conforme a Resolução CNE/CEB nº 8 Brasil, 2012). As unidades de ensino onde ocorrem os encontros desse curso são espaços de confluências e compartilhamentos de experiências e práxis educativas que expressam as vivências dessa comunidade com as outras comunidades quilombolas circunvizinhas, a saber: Comunidade Quilombola Cocalinho localizado no município de Santa Fé, Comunidade Quilombola Pé do Morro localizada no Município de Aragominas e Comunidade Quilombola Dona Domicília, localizada na Zona Rural do Município de Muricilândia, são comunidades “quilombolas-irmãs” que se interseccionam em suas narrativas, modos de vida e suas manifestações culturais, pois “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”. (Adiche, 2019, p. 32). E as histórias da Comunidade Dona Juscelina são contadas por mulheres negras com propriedade sobre seus saberes ancestrais e compartilham seus afetos construídos diante de suas vivências e suas frustrações existentes no decurso das suas trajetórias experienciadas e suas memórias confluentes em relações interseccionais com os griôs da comunidade (líderes da comunidade). Assim Dealdina (2021, p. 37-38), “Somos mantenedoras do mercado cultural, da preservação das danças, das rezas, das ladainhas, dos contos, do manuseio do capim dourados, dos assentos religiosos, do modo de fazer a farinha, o beiju, os doces típicos dos quilombos. Tecemos elementos forjadores da identidade cultural e política do quilombo e da representação da mulher

negra quilombola”. Essa percepção descortina elementos fundantes das comunidades quilombolas perpassando pelos movimentos e performances corporais, paladares sensoriais da culinária que reafirma a identidade desses povos. Nesse sentido, ressaltamos o Grupo de Dança constituídos por mulheres negras do Quilombo Dona Juscelina denominado de Negras Mariamas, as quais entoam cantos ancestrais e movimentos corporais que contam as histórias do quilombo nos passos, nos adereços, nas vestimentas indumentárias, na percussão dos instrumentos em sintonia com a força da voz e dos movimentos corporais enquanto ato genuíno de resistência na luta pelo território de direito, “O lindô, também era tradição no lugar, e o costume perdurou por muitos anos, apesar de hoje em dia não ser mais praticado com tanta frequência e apenas em apresentações culturais da comunidade, era uma brincadeira de roda em que os jovens dançavam trocando de pares ao com de versos e refrões que eram cantados pelos próprios brincantes”. (ALMEIDA; BARRETO, 2022, p. 100/101). Aqui pensar à interseccionalidade corporal do negro, “[...] Não é à toa que a dança para o negro é momento de libertação [...]” (NASCIMENTO, filme ORI). A dança para o negro é a expressão da liberdade, dos modos de vida, da resistência, da memória ancestralizada, dos saberes compartilhantes e confluentes e dos corpos contracolonizadores. Assim sendo, falar do quilombo e/ou das comunidades quilombolas é antes se re-construir, descamar as amarras coloniais e sentir o gosto da liberdade por meio das relações interseccionais entre pesquisadoras negras e mulheres negras quilombolas pesquisadoras ancestrais “honoris”. Diante dessa discussão, pretendemos enquanto pesquisadoras negras evidenciar nossas experiências construídas junto à Comunidade Quilombo Dona Juscelina, por meio da observação e compartilhamento de momentos vivenciados nas manifestações culturais e modos de vida expressos nos cortejos, nas festividades do 13 de maio, no rally das boias pelo Rio Muricizal, além de narrativas de mulheres quilombolas e suas relações com o rio, este onde as mulheres do quilombo tem uma relação simbiótica com o rio e suas diversas estações. Observando também o Curso de Educação Escolar Quilombola que serve para fortalecer e visibilizar a cultura e os saberes ancestrais da comunidade, um importante instrumento de constituição da identidade quilombola e o sentimento de pertencimento, tanto para os estudantes quanto para o corpo docente. Enquanto pesquisadoras estamos aprendendo a conviver dentro da comunidade sob a ética e o respeito por mais que esse contato não seja o primeiro por já termos outros trabalhos acadêmicos construídos, mas consideramos o fato de estarmos sempre nos resignificando enquanto pesquisadoras negras.

Palavras Chave: Mulheres-Pesquisadoras Negras; Saberes; Educação Escolar Quilombola; Quilombos.